

HEROES, SANTOS E MARTIRES DA PATRIA

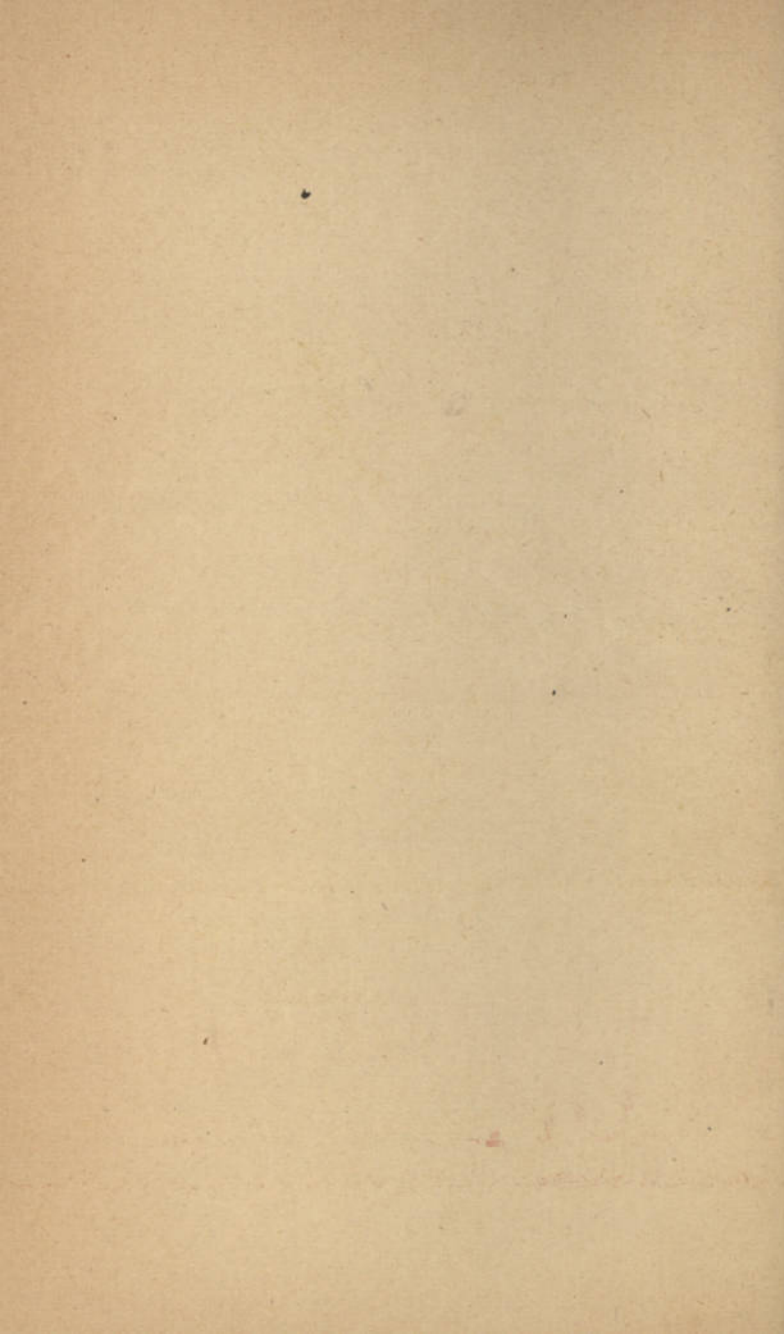


ROCHA MARTINS

CONDESTAVEL

COLEÇÃO HISTÓRIA

22



Reg. 201-R.

CONSERVATORIA DA PROPRIEDADE
LITTERARIA, SCIENTIFICA E ARTISTICA
ROCHA MARTINS
DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS

16 de Março
N.º 24700

Junia 3402

HERÓIS, SANTOS E MÁRTIRES
DA PÁTRIA

R.P.
61

4
142
4
187

18714

O INCONDESTÁVEL

CAPA ILUSTRADA POR
ALBERTO DE SOUSA



COLECÇÃO «HISTÓRIA»
— RUA DO ALECRIM, 61 —
LISBOA
EDIÇÃO DO AUTOR

Os Grandes Amores — de Portugal —

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

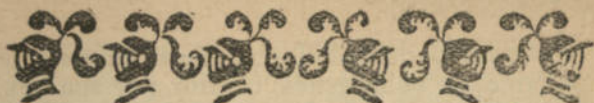
- I. — Linda Inês.
- II. — Desvario de Rainha.
- III. — Flôr de Altura.
- IV. — A Amada do Camareiro.
- V. — O drama de Vila Viçosa.
- VI. — Relicário de Paixão.
- VII. — «Senhora de Bem Fazer».
- VIII. — Sóror Mariana.
- IX. — Sombra de Rei.
- X. — Madre Paula.
- XI. — Dona Flôr da Murta.
- XII. — O Bichinho de Conta.

Heróis, Santos e Mártires — da Pátria —

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

- I. — Rainha Santa.
- II. — O Condestável.
- III. — O Vêdor de Sãgres.
- IV. — Infante Santo.
- V. — Cavaleiro da Morte.
- VI. — O Decegado.
- VII. — A princesa Santa Joana.
- VIII. — Vasco da Gama.
- IX. — O Grã-capitão.
- X. — D. João de Castro.
- XI. — Camões.
- XII. — O fantasma de D. Sebastião.

Comp. e impr. na —
Rua do Alecrim, 61
— LISBOA



PRIMEIRO QUADRO

A ADOLESCÊNCIA DUM GUERREIRO

AO apresentarem a D. Leonor Teles ⁽¹⁾ aquela criança de minguada estatura, porém de ar grave, ela, achando graça à sua atitude, puzera-lhe a linda mão na cabeça e desejara vestir-lhe a cota e alçá-la a seu escudeiro.

Tinha três anos, o pequeno; agradeceu, desvanecido e no céu de sua alma deslumbrada fixou-se mais uma rútila estrêla ao sentir roçar-lhe a fronte o sôpro do destino sonhado.

Chamava-se Nuno Alvares Pereira; era filho do Prior do Hospital, frei Alvaro Gonçalves Pereira, esforçado guerreiro, e neto do arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira, êste tam amigo do infante D. Pedro que o avisara dos sinistros intuitos do rei acêrca de D. Inês de Castro ⁽²⁾.

⁽¹⁾ *Flôr de Altura* — Colecção «História», do autor.

⁽²⁾ *Linda Inês* — Idem, idem.

O CONDESTAVEL

Provindo de nobilíssima raça, embora de paternidade eclasiástica, o Prior, por sua vez, tanto amara que juntou trinta e dois filhos, sendo dez de D. Iria Gonçalves do Carvalhal, cuvilheira da infantasinha D. Beatriz e a qual era de tam alta estirpe que se filiava na casa dos reis da Lombardia.

Adorando a dona, de formosura celebrada, o neto do poderoso prelado, reconhecera-lhe a prole e todo se deliciara ao ouvir da bôca de mestre Tomás, o astrólogo, chamado à beira do berço de Nuno, um rosário de maravilhas.

Era em Sernache do Bomjardim; ia a meio o ano de 1360 e como se celebrasse S. João e no firmamento os astros rebrilhassem na sua poeira de oiro, o ledor dos céus acabara a dizer que seria invencível aquêlê recém-nascido cujos bracinhos tenros e róseos e cujo corpinho miúdo qualquer aragem levaria.

Grande trabalho tivera a rainha para encontrar armas que servissem ao afilhado.

Olhava-o com pena de mal poder cumprir logo a promessa de o tornar escudeiro mas, a súbitas, batendo as mãos fusilantes de anéis, lembrara-se de mandar pedir a D. João, Mestre de Avis, seu cunhado, o arnês que envergara aos dez anos, para revestir aquêlê pequeno, trinta e oito meses mais novo do que êle. Assim sucedera e a criança, em cuja imaginação galopavam as histórias de velhas cavalarias lendárias, pôde julgar-se o herói vivo de tôdas as proesas narradas pelos menestréis e trovadores.

Seu espírito afizera-se àquêlê alto desejo de glória, de bem servir com a espada, confiado em Deus, doando-se em espírito ao Se-

nhor das batalhas, pouco caso fazendo do corpo que, à semelhança dos paladinos dos cânticos, desejava virgem para maior fôrça de seu sacrificio.

Noivava com as armas bem corregidas, beijando as cotas luzentes; acarinhava os corcéis e todo o seu amor o oferecia à glória de bem vencer, ao imaterial desejo de servir um rei, uma pátria, uma grande causa, todo embebido na fé palpitante no seu coração adolescente sob o arnês polido do Mestre de Avis.

Passara à casa de el-rei D. Fernando; de-ra-se-lhe como aio seu tio Martim Gonçalves do Carvalhal e tanto se afadigava em ânsias de combater que só pedia ao Altíssimo o fizesse defrontar castelhanos.

Andava-se, porém, em paz. Gineteava, ia terçando armas, fazia suas orações para que viessem as guerras e vitórias.

Três anos e meio decorreram e nem a sombra duma mesnada estranha assomou na raia portuguesa, após os combates do tempo em que revestira as armas.

A sua fantasia voava, imaginando-se um cavaleiro à antiga, puro e valoroso, casto e lial, tendo por dama a justiça e por companheiro o montante.

Seu pai acudira, a visitá-lo no paço. Trazia-lhe uma nova que muito o desgostava. Arranjara-lhe uma espôsa. Pedira a mão de D. Leonor Alvim, muito nova e já viuva dum grande e rico fidalgo, Vasco Gonçalo Barroso, tam velho que não consumara o matrimónio carnal, deixando-a em tanta opulência que os maiores nobres cobiçavam sua aliança.

Assistia nas terras de Basto, em seu solar

O CONDESTAVEL

de Pedrassa; aceitara o noivo desvanecida e êle, numa teima de se votar apenas às lidas, recusava-se ao consórcio.

Irritara-se profundamente o Prior do Hospital ante êsse filho que evocava as neblinosas tradições dos cavaleiros da pureza, os invencíveis legendários, os esforçados, quási divinos, que os menestréis, vindos de longe, relembavam em contos alucinadores para o seu espírito.

Ouviu a voz doce e persuasiva da mãe que se achegara a aconselhá-lo e de sua bôca, afeita às preces e às súplicas de guerrear elevadas ao céu, saiu a mesma teimosa negativa.

D. Fernando I, com a autoridade real, mandara chamar a prometida a Vila Nova da Rainha; ordenou a Nuno Alvares que a aceitasse por espôsa. Combinou-se o enlace e o moço sonhador, num pomposo cortejo de parentela, recolheu ao solar da noiva.

As terras de Entre Douro e Minho jamais tinham visto tam grande caçador. Em vez das batalhas que não chegavam, o cavaleiro monteava javalis, adestrava-se para maiores combates e, amando D. Leonor como mandava a igreja, o filho do Prior do Hospital, que dera geração a trinta e dois descendentes, foi também pai.

Dos três rebentos de seus distraídos amores, só uma menina viveria. Chamou-se D. Beatriz e era tam formosa como se proviesse de angélicos pensamentos.

Falecera o pai de Nuno Alvares. Ficara sepulto em seu túmulo da Flôr da Rosa. Sucederá-lhe no Priorado o primogénito de seus amores, antecedentes ao que nutrira por Iria Gonçalves e o qual tinha o nome de Pedro,

usando os apelidos de Alvares Pereira, após a sua legitimação.

Finara-se em Castela o rei D. Henrique. Sucedera-lhe seu filho D. João, que logo entrara em desafios ao monarca de Portugal. Nomeados os fronteiros e os chefes das hostes para entre Tejo e Guadiana, visto ser pelo sul a invasão, el-rei mandara que Nuno Alvares se juntasse, em seu real serviço, ao irmão que comandava em Portalegre.

Não deixou de se agitar aceleradamente o seu sangue, desde as veigas minhotas à charneca alentejana; trouxera consigo todo o entusiasmo da infância e alguns escudeiros.

Mal chegou e soube de além raia os castelhanos sob a chefia do mestre de Santiago, D. Fernando Ansuões, não sossegou mais; ao ouvir dizer que elle entrara com suas mesnadas até Coruche e tomando os gados se volvera a seus quartéis, acendeu-se-lhe no ânimo tanta ira que só pensou em desafiá-lo e vencê-lo. Vieram ordens do rei; aprestaram-se os combatentes entregues ao mais idoso dos guerreiros, Gonçalo Vaz, que ordenara a marcha sôbre Vila Viçosa, a-fim-de defrontarem o inimigo. Nuno Alvares ía na vanguarda e, ao ver luzir à soalheira alentejana as lanças, armaduras, bacinetes e cotas, do que julgara uma hoste e sua carriagem, cavalgara, a encontrar os seus e gritara-lhes, num alarme jubiloso:

—Boas novas, cavaleiros! Boas novas!...

—É que novas são, Nuno Alvares?—preguntaram-lhe, ao que volveu em bela composição:

—É que o mestre de Santiago que procuraes está além, prestes a dar-vos batalha!

O CONDESTAVEL

Muito folgaram os parceiros; determinaram-se a combater e o moço ardente, acicando o corcel, achegou-se a Gonçalo Vaz, a informá-lo de sua visão.

O velho soldado quiz inteirar-se da nova mas, notando tratar-se de sua carriagem, elevou a voz, a repreender o mancebo pelo alarme. Ele pretendia ser o mais atento e o mais ardido no combate e por isso julgava lobrigaria o inimigo em distância à qual não se chegaria sem perigo.

O sonhador foi de corrida para o seu lugar; esmaltara-se-lhe a vergonha nas faces quási imberbes e entrara em Elvas, à frente da hoste, de cabeça pendida sob o pesado elmo.

Os contrarios acorreram a cercar as posições portuguesas. Estuava o sangue do cavaleiro. Era a guerra, mas para elle inútil. Sabia que diante de Lisboa estavam as náus, nas quais viera o refôrço dos inglêses; ouvira que se andavam batendo e, metido entre as muralhas, chorava de desespêro, como se a alma se lhe fundisse sob o arnês sem amolgaduras de lidas.

Encheu-se dum desespêro enorme quando chegou a ordem da retirada, deixando os castelhanos nos seus postos. Recolheu-se a Portalegre com o irmão, mas em tais iras que, sem a menor palavra ao chefe, mandou desafiar a D. João Ânsures, filho do mestre de Santiago, para se bater com elle e mais nove companheiros, vindo com outros tantos castelhanos.

O reptado aceitou. Com lágrimas de alegria nos olhos acercou-se dos que em sua mente escolhera para batalhar: Martim Anes Barbuda, Gonçalo Anes de Abreu, Vasco

Fernandes, Afonso Pires, Vasco do Outeiro e mais três dos seus escudeiros, contagiando-os de seu júbilo. Solicitou os salvo-condutos para a passagem a Castela e quando lhos enviaram e se dispunha a partir com os eleitos para a proeza surgira o irmão, Pedro Alvares, em geitos de o deter.

Sacudiu-se em funda cólera o moço ante a atitude do mais velho e, num arranco que admirou os companheiros, jurou ir ao encontro do adversário através de todos os perigos. Então, o fronteiro, perdoando-lhe a grita, mostrou-lhe a carta na qual D. Fernando I proíbia tal decisão. De novo envergonhado, se conteve Nuno Alvares. Não durou muito tempo o dolorido anseio. Bradou que desejava vêr o monarca e falar-lhe da sua ambição de desafrenta e o Prior, sorrindo, decidiu levá-lo a Lisboa, a vêr o soberano. Mal imaginava como o jóven o defrontaria. Encarando o rei, respondeu ao interrogatório em grande altivez, comedida pelo respeito. Ao ouvir perguntar-lhe se era verdadeiro o desafio, volveu bem o saber Sua Real Mercê, pois o detivera; auscultado acêrca das razões que o moviam, mal conteve o ímpeto para dizer, em segurança de vassalo, ter o mestre de Santiago feito tais devastações em Portugal, que bem merecia o seu filho o castigo, porque «a Deos prouvesse de eu lhe levar a melhor por fazer nojo e grande desprazer a seu pay e emendado nojo que vos elle em vossa terra fez.» (1)

Era o paladino. Acrescentara ainda ter empenhado sua honra no conflito, desejando

(1) *Chronica do Condestabre.*

O CONDESTAVEL

bem servir el-rei. O monarca ouviu-o atenciosamente. Comunicava-se-lhe o épico calor daquela mocidade ávida de desforras, mas a sua consciência de soberano dizia-lhe não dever consentir semelhante desafio, no qual podiam perecer sem vantagens alguns dos seus bons cavaleiros.

Proíbiu-lhe, de viva voz, o duelo e êle, numa derrota maior, saiu pelo braço do irmão que procurava acalmá-lo.

Ficara sossegadamente a ouvi-lo, mas logo o tomou outra idéa mais viva, o encheu um halo de esperança maior.

E se êle fôsse pedir aos aliados do rei, aos inglêses, ao micer Raymon, conde de Cambridge, e ao seu condestabre para obterem do rei a licença de se bater?!

Entre abraços o acolheram; acharam a idéa de paladino; desvelaram-se em o ajudar, mas D. Fernando foi inflexível, dizendo-lhes que o moço cavaleiro teria muitas ocasiões de entrar em pelejas.

Entregara o cargo de fronteiro de Lisboa a Pedro Alvares; ordenara-lhe que o irmão lhe assistisse, com outros guerreiros; e como a frota de Castela ainda molhava diante da capital, não faltariam os apetecidos encontros.

Iniciaram-se, então, as proezas mais audaciosas do neto de D. Gonçalo Pereira, que tam esforçado fôra em pelejas e aventuras. Entrara a escolher os parceiros para as sortidas além muralhas da cidade, em busca dos inimigos.

Havia na hoste mais um dos seus irmãos, Diogo Alvares Pereira, mas preferiu entender-se com o cunhado, Pedro Afonso do Ca-

zal. Queria aguardar, em sítio escuso, os que tentassem desembarcar de noite e cair sôbre êles, respondendo à cilada com maior audácia. Aceitou o parente a idéa; mandou apetrechar, em segrêdo, alguns homens que, juntos aos bêteiros do ardoroso, saíram as portas, indo ocultar-se na ponte de Alcântara.

Para além ficava o Restêlo; à quem o mosteiro de Santos, e os castelhanos, crentes em que ninguém se atreveria a detê-los tam longe da cidade, iam tentar o seu desembarque a-fim-de se aproximarem dos postigos ou dos muros e, porventura, tomá-los ou transpô-los. Havia também os que salteavam nas vinhas e currais e nessa noite foi um batel de assaltantes que embicou na praia calada e tranqüila. Contavam que andariam por bem longe os portugueses.

Eram vinte e quatro os castelhanos. Iam subindo docemente pelo barrocal, quando na orla lhes surgiram os de Nuno Alvares e em tal ardor que logo fôram de vencida, trambulhando até caírem na areia, golpeados, fugindo, lançando-se à água os que escapavam ao denodo da arremetida, da surpresa. Nas mãos dos vencedores ficaram alguns prisioneiros, logo levados até ao mosteiro de Santos. Já a manhã rompia quando se notaram grandes movimentos a bordo. Procuravam socorrer os presos. Mais de duzentos e cinqüenta castelhanos, armados de boas lanças, tomando os barcos, remaram para terra, procurando derrotar a minguada hoste portuguesa.

Acicatando o seu cavalo, dizendo aos companheiros ser necessário vencer, Nuno

Alvares foi de galgada e atirou-se para o meio da floresta de lanças como um louco cujo fim consistisse em destroçar raivosamente, sem o menor receio por sua existência.

Batalhava com tanto denodo e rijeza que gerara o pasmo entre os atacados. Depois, recobrando ânimo, vendo-se em maior número, êles assaltaram-no de tal modo que só a um sôbre-humano esforço deveu a vida. Crivaram a sua armadura de virotões e de lanças. De repente, o cavalo, escorregando, deitou-o por terra e êle, defendendo-se sempre com a espada, sentindo os seus a pelejar sob a voz dum clérigo chamado Vasco do Couto, esperou ainda a vitória.

Desembaraçado da montada pelo cuidado do padre que desenvolvia grande tiroteio de sua bête, Nuno Alvares ergueu-se e, tomando uma lança a um inimigo, fiçou a combater de pé, firme, grandioso, rechassando, abrindo passagem.

De repente, escutou-se um tropel. Apareceram alguns cavaleiros conduzidos por Diogo Alvares e Fernando Pereira, irmãos do ousado mancebo, e que, sabendo-o no acampamento, para onde o conduzira a ânsia de pelejar, voavam em seu socorro.

Ficaram muitos adversários prostrados; dos portuguezes estavam alguns feridos e entre êles, maguado, cheio de golpes, o que os levará à aventura.

Alvoroadamente o acolheram na cidade; subiram à sua volta os louvores. Era o primeiro sorriso da glória. Êle, muito sereno, sonhando maiores destinos, foi ajoelhar-se e agradecer a Deus; de seguida, mostrando como em seu peito não morava a ingratidão,

tomou comsigo Vasco do Couto, o clérigo, e pediu para o seu valor uma boa prebenda.

Alastrara a notícia do feito temerário; el-rei soubera-a e sorriera, mas nem por isso levara para os novos combates o turbulento jóven cujo coração batia mais apressadamente, ao saber que se andava batalhando no Alentejo.

Dirigiu-se ao irmão Pedro Alvares, a solicitar licença de partir, esperando que bem o acolhessem em Elvas, onde estava reúnida a fôrça para o embate. Ouviu a recusa em maus transes e decidiu tomar parte na peleja através de tudo. Mandou o fronteiro guardar as portas e pôr grandes vigias na de S. Vicente, receando novo arranco do irmão.

Pela meia noite, êle atravessou velozmente com cinco escudeiros por entre as atalaias da peonagem. Galoparam até onde D. Fernando estava empenhado em não batalhar.

Foi acolhido com emboras quási paternais. O monarca, perdoando-lhe a audácia, louvou-lhe o zêlo em seu serviço, mas a guerra ficava demorada porque se compraziam os dois reis em aliança, dando o de Portugal sua filha D. Beatriz por espôsa a D. João I de Castela.

Uma fúria maior acometeu o audacioso; andava a querer bater-se e só engendravam tréguas. Volvido a Lisboa, desabafava com o irmão que o abraçou, desanojando-o do desgôsto e dizendo-lhe como el-rei D. Fernando enfermara gravemente, a ponto de nem poder erguer-se do leito.

Eram razões de ponderar. Êle, porém, queria bater-se; desejava ser um grande capitão, como os dos seus sonhos, e coisa al-

guma o seduzia além da luta. Chegara o momento das régias bodas. Em Elvas se juntavam os noivos e suas comitivas, num solene banquete. Passada a fronteira de Badalhouce, a cavalgada castelhana encontrara tôdas as atenções e confortos. Ergueram-se à sua volta lhanças e corduras. Apetrecharam-se vasta sala para o banquete no qual floresciaam os maiores nomes da cavalaria dos dois países em tôrno do rei D. João I e da rainha D. Leonor Teles que conduzira a infanta.

D. Fernando ficara sòsinho na sua recâmara, sentindo a morte avançar a cada golfão de sangue de sua bôca esmaecida.

A alegria do noivado não era turbada pela lembrança do soberano moribundo. Folgava-se; entrevia-se no castelhana o novo rei à sombra da espôsa que, muito menina, se galeava de subir ao trôno de Castela.

Portugueses e castelhanos, em aliança, tomavam as mesas, folgando e rindo, na do meio, em grande pompa, dominava o monarca que, pouco antes, combatera Portugal.

Nuno Alvares surgira, com Fernando Pereira à busca de lugares; mal se reparou em sua presença, pois era quási um ignorado; debalde procurava acolhimento e quando viu que não se afastavam, ao menos, em ar de delicadeza, voltou-se para o irmão e exclamou:

— He bem que nos vamos para as pousadas mas antes que nos vamos, eu quero fazer que estes que nos pouco procuram, de nos escarnecerem, escarnecidos fiquem!

Sem mais detenções passou a perna rija no pé da mesa que trambulhou, num grande tilintar de baixela, diante do rei castelhana, admi-

rado e dos cavaleiros que se erguiam, atónitos. Voltou as costas; puxou Fernando Pereira e saiu, de cabeça erguida, os olhos jubilosos, enquanto o monarca perguntava:

— O que é isto?!

D. Leonor Teles ouviu as explicações dos portuguezes e os rugidos dos castelhanos e viu perder-se, além da tenda, o minguado corpo do cavaleiro que ela ajudara a envergar na cota do Mestre de Avis.

D. João, volvido do seu espanto, passada a cólera, bradou:

— Quem ally tal cousa comettia em tal lugar, sentindo a honra que lhe era feyta, que para mais teria seu coração.

Com efeito, veriam, êle e os seus, como para mais, e muito mais, Nuno Alvares Pereira teria coração.





SEGUNDO QUADRO

VALOR E FÉ

○ que soava na côrte era muito de mau, em relação à rainha.

Diziam-na amante do fidalgo corunhês João Fernandes Andeiro, o qual viera a Portugal como diplomático entre el-rei e os inglêses.

Ganhara grande aceitação o conde de Andeiro, pois também tinha êste título, com o de Ourêm; e, sendo uma espécie de árbitro, conseguira um partido: o da sua real amada (1).

Levantavam-se as iras dos nobres contra tal mancebia e, sobretudo entre o povo, officiais de mister, peonagem, artífices, alguns letrados, padres e freis, falava-se em antepôr aos desmandos de Leonor Teles uma onda de revolta, chamando à sua chefia D. João, Mestre de Avis.

Como se o arnês que Nuno Alvares revestira, pertença do filho D. Pedro I, tivesse

(1) *Flôr de Altura* — Colecção «História», do autor.

colado as almas de ambos, entre os partidários do antagonista figurava, em primeira linha, o filho do Prior do Hospital.

Murmurava-se que o monarca, quasi na agonia, lívido, de rosto dedado pela morte, se erguera do leito, entrando na recâmara onde a aia embalava um infantesinho de meses, e lançando as mãos febris ao pescoço do innocente o estrangulara, deixando-o como um farrapo, no seu berço, a fâcesinha arroxçada, inerte, castigado.

E' que diziam êsse príncipe fruto dos amores de Andeiro com a rainha, ante os quaes revoltavam os ódios.

Êles não se escondiam. Paradeavam as suas afeições. Entrevia-se o futuro. Finado o monarca, sucedia-lhe a viuva, em nome da filha casada em Castela e, ao lado da formosa *Flôr de altura*, dominaria, como nos tempos de D. Tareja, um fidalgo estrangeiro, partilhando o trono com o tálamo régio (!).

Nuno Alvares Pereira vira passar o funeral do monarca, um préstito mesquinho, em que não apparecêra a rainha. Rugiram ódios; levantaram-se clamores, entre os quaes eram maiores os do moço cavaleiro que D. Leonor investira nas nobres armas.

Não teve o mestre de Avis, muito abandonado pela grande nobreza, partidário mais dedicado nem amigo mais seguro. O tripúdio do conde de Andeiro buscava êle concluí-lo com a execução do favorito. Abatido o amante da rainha pelo Mestre de Avis, revoltado o povo de Lisboa, Portugal acordaria. Deus vela pelos povos que se libertam. Era estranha a situa-

(!) *Desvario de Rainha* — Colecção «História», do autor.

ção. O rei castelhano declarava-se sucessor da corôa, por parte de sua espôsa. A viuva de D. Fernando mostrava-se alvoroçada, vendo engrossar o partido contrário, mas mal se davam passos positivos para o caminho da claridade. Parecia patinhar numa floresta, em noite tempestuosa.

Hesitava-se no grande golpe, no assalto ao valido; e, porque assim era, Nuno Alvares partira desolado, para regressar em júbilos, ao saber como os conjurados, entrando no paço de Apar de S. Martinho e ao toparem o de Andeiro em blandícias com a soberana, o tinham assassinado. O primeiro golpe, vibrado pelo Mestre de Avis, não o matara. Rúi Pereira, o tio de Nuno Alvares, acabara o ferido com o seu estoque e logo, em grande grita, das janelas do paço, chamaram o povo, bradando que assassinavam D. João.

A soberana vestira um duplo luto. Pelo rei envergava o dó espectacular; pelo Andeiro tingira sua alma de negro. Refugiada em Alemquer, mandara prevenir o soberano de Castela para se assegurar da corôa e da vingança.

Dividiam-se as opiniões acêrca dos herdeiros reais. A maioria pronunciava-se pelo castelhano que representava os legítimos direitos da espôsa.

Na família dos Alvares retalharam-se as opiniões. O primogénito, o Prior do Hospital, proclamava-se pelo marido de D. Beatriz e arrastava os irmãos, deixando apenas de o interessar Fernão, o mais novo.

Sua mais viva insistência exercia-se em tôrno de Nuno que, por sua vez, se pronunciava pelo filho de D. Pedro I, o Mestre de

Avis. Tendo saído ambos de Lisboa, separaram-se em Pontével e em tais arremessos que se podiam dizer de mal. O mais velho ia para o Alentejo a aguardar o seu momento; o rapaz, voltando-se para a sua gente, dissera correr sôbre Lisboa, a-fim-de ajudar o seu chefe, o príncipe português. Aplaudiram-no, jubilosos. Atravessaram Alemquer, onde a rainha demorava, sem que os detivessem, e em breve se reúniam na capital as falanges já vitoriosas.

Possuir Lisboa não constitua o completo triunfo. Alcáides e ricos homens eram os senhores despóticos pelo país fóra; mas D. João, aclamado Defensor do Reino, tinha fé na sua espada e Nuno Alvares ainda em maior fé se abrazava porque sentia o valor de seu braço e a protecção de Deus, iluminando sua alma de crente.

Pedro Alvares é que não se consolava das determinações do moço. Conhecia-lhe o feitiço; sabia-o valoroso e, em grande conselho com Iria Gonçalves, a mãe do guerreiro, mostrava-lhe como êle andava desviado do caminho da fortuna, servindo aventureiros. Troçava-os, desenvolvendo aos olhos da antiga cuvilheira todo o extenso poder dos castelhanos e não a deixava sem a conduzir até onde D. João I ia preparando as suas mesnadas para a investida.

Era a mais brilhante e vigorosa hoste que jámais vira a amada do guerreiro Alvaro Gonçalves Pereira, agora em sua jazida da Flôr da Rosa.

O rei recebera-a com as graças devidas à mãe e madrasta de tão bela família de cavaleiros. Entrou em promessas de pingues be-

nesses para o jóven e alvoroçado Nuno, de cuja proeza se lembrava quando das suas bodas em Evora. Animara-a e ella partira para se encontrar com o rebelde e miragear a seus olhos tudo quanto vira e escutara.

O exército era portentoso. O pago de sua espada estava no condado de Viana que o monarca castelhano ofertara a Nuno Alvares.

Acudiu-lhe aos lábios um doce sorriso e à mente uma rasão irrespondível.

Falou à mãe duns salteadores, a roubarem seu berço. Mostrara a nação como o berço de todos os portuguezes. E ella, volvendo-se para os pobres e mesquinhos soldados, famélicos mas ardentes, dissera ao filho que ficasse. Mais ainda fremitou. Prometeu trazer-lhe o irmãosinho para o ajudar e servir o Mestre de Avis, a nação, o berço (1)

Com effeito, dentro em pouco, Fernão Peireira combatia ao lado do paladino. Êste organisava. Chamado ao conselho de Defensor, a-pesar-de sua pouca idade, a sua voz prevalecia.

Escutavam-se as mais desencontradas opiniões.

Umás pronunciavam-se no sentido do infante ir a Inglaterra, sem aguardar as hostes temerárias do inimigo; outras que ficasse sem a busca de auxílios estranhos; e o moço, numa visão sagrada, volveu: «que fôsse Sua Mercê de não se anoiar em haver empacho: ca Deos que lhe a cidade dera, lhe daria o castello (2).

Faltava tomar a Alcáçova, a fortaleza do.

(1) Legendas de Portugal, *A mãe de Nun'Alvares*. Legenda da Cidade de Portalegre, pelo autor.

(2) *Chronica do Condestabre de Portugal*.

minante, dentro das muralhas, o fulcro da resistência, na capital.

Nuno Alvares queria lançar-se sobre a mole imensa, assaltá-la, assenhorear-se das pedras que Martim Moniz ganhara, por seu esforço, à moirama; e de tal maneira procedeu que, dentro em quarenta horas, entrava, por consenso do alcáide, Martim Afonso Valente, nos já vetustos bastiões.

Dentro do conselho havia quem contrariasse as suas temeridades.

O Mestre aceitava-as e os áulicos juravam entre si jámais acederem aos desígnios do jóven cavaleiro.

Eram êles os doutores João das Regras, Martim Afonso, Alvaro Paes, o burguês das grandes conjuras populares, e Rúi Pereira que, sendo tio do mancebo, pretendia salvá-lo de algum risco e perigo das suas aventuras, empatando-lhe os lances.

Êle, sem detença, ao vêr-se em minoria, disse-lhes porque assim procediam; e, entre os risos do Defensor do Reino, logo assentara em ir de corrida sobre Alemquer onde D. Leonor Teles se acolhera sob a alcaidaria de Vasco Pires de Camões.

Tinham pouca gente para o assalto, o que não fazia grande préga em seu ânimo.

Escaramuçavam, quando o rei de Castela entrava pelo lado da Guarda ⁽¹⁾ e sem menagem da vila, largara para Coimbra, fechada, e logo para Santarem, onde a soberana tinha o seu refúgio ⁽²⁾.

(1) *A Honra do Guarda-Mór* — Legendas de Portugal — Cidade da Guarda, pelo autor.

(2) *Os ardis da Flôr de Altura* — Legendas de Portugal — Cidade de Santarem, pelo autor.

Em breve tinha a alcaidaria do couto real o castelhano conde de Maiorca, senhor de tanto poderio e nobreza que bem alto subia o seu renome na península.

Representava uma altiva e brava signa e, falando-se dêle no conselho, logo Nuno Alvares decidiu mandar-lhe desafio para combate ante a primeira insinuação do seu real amigo. Viu-se claramente seu arrôjo e denôdo; comprehendeu-se sua falta se acaso ficasse no campo e assim como D. Fernando outrora lhe proibira o duelo de dez contra dez, com João de Ansuers, do mesmo modo o Defensor falava em amisade e boa consciência, detendo-o no repto.

Referviam, porém, os ímpetos guerreiros do moço. A sua voz ganhava, nos conselhos, arrancos irritados. Lisboa mal tinha víveres para se manter em boa disciplina.

Quando a fome surgisse, a soldadesca, sem bater o inimigo, sentindo ser demorado o sofrimento, acabaria em maus transes.

Logo Nuno Alvares decidiu ir a Sintra buscar mantimentos, arrancá-los das mãos dos usurpadores que dominavam no afortalezado lugar sob a bandeira de Castela. Seu alcaide era o conde D. Henrique, senhor de bem provida e grandiosa hoste.

Deixaram-no partir.

Era preciso antepôr a audácia ao desespero dos sitiados.

Das bandas de Almada cortavam-lhes a passagem dos víveres do sul; em Santarem, Leiria, Óbidos, aquartelavam-se desdenhosos inimigos; em Sintra detinham-se os socorros possíveis e a carriagem dos mantimentos.

Iria, pois, batalhar.

Lançou-se nos subúrbios, a provêr-se; encheu os seus carros de géneros de tôda a casta e nem um só castelhano deixara a fortaleza para o defrontar. Conheceu-lhes a tática. Tinham chamado auxiliares. Os esculcas do povo avisaram-no de que viriam sôbre êle Pedro Velasco e Pedro Sarmiento, com suas numerosas mesnadas. Rejubilou, ao tomar o caminho de Lisboa, senhor do saque, e tão vagarosamente que bem se evidenciava seu desejo do encontro. Aparecera-lhe Rúi Pereira em seu refôrço, com cinqüenta lanças. Propositadamente se guardava de retirar-se sôbre a capital; seu grande fim consistia no encontro e, ao vêr surgir o exército inimigo, elevou o pensamento ao céu, aguardando a batalha. Os dois cabos de guerra viram-no ao longe; estiveram uns instantes a mirá-lo e aos seus; e, logo, acicatando os cavalos, à voz dos chefes, se fôram até Alemquer.

Só quando o Mestre de Avis ordenou a entrada dos cavaleiros em Lisboa, a todo o transe, é que o arrojado obedeceu. Logo, porém, arvorou outro plano. Sintra já êle vira que não pelejava mas estavam em Almada os outros e parecia-lhe de bom arranco ir até lá, a desafiar os do senhorio.

Eram Alvaró Pires, irmão de Inês de Castro, e o conde D. Pedro, sobrinho do *Collo de Garça*. Os filhos da formosa, um dêles, D. João, estava prêso em Castela porque se considerava pretendente ao trôno português. O outro, D. Dinís, serviria o carcereiro do seu primogénito.

Fôram a Almada e conversaram. O Mestre mostrava-se persuasivo; Nuno Alvares desafiador, como sempre. Increpara de tal

modo o alcaide, por seu procedimento, que o vira em fúrias e o filho em mais fundas freimas. Tornou-se necessária a intervenção do Defensor do Reino para não puxarem das espadas,

Na alma do jóven guerreiro ficara, porém, uma certeza: a de que se os nobres se diziam por Castela e alçavam seu pendão, os mestrais, a peonagem da vila, não pensavam do mesmo modo:

«E os miúdos eram por parte do Mestre» (1).

Apetrechou-se com quarenta lanças e a gente de pé; atravessou o rio e, saltando em terra, foi logo de avanço sôbre a portada do castalo, bem servido pelos habitantes.

Aclamaram-no. A tarde, nas ameias de Almada, flutuava a signa de Portugal, a cruz de Avis, no seu verde de suavíssimas esperanças.

Animavam-se, pouco a pouco, a-pesar-de todo o terror espalhado pelo grande exército castelhano e pelos poderosos alcaides manifestados no partido dos estrangeiros.

Jamais viveu tanta fé numa alma e nunca irradiou a ponto de contagiar um povo como a da ardente chama do peito de Nuno Alvares Pereira, sob a chapa de ferro do seu novo arnês, que já não era o do Mestre de Avis.

Ele só tinha uma espôsa: a glória. Um filho: Portugal.

Continuava, porém, tão ousado e turbulento nos ditâmes e conselhos, que foi votada a sua ida para o Alentejo a-fim-de enfrentar os castelhanos, os quais iam entrando em tão

(1) *Chronica do Condestabre.*

O CONDESTAVEL

grande número que os povos debandavam à sua aproximação.

Para demais, governadores e fronteiros aliavam-se-lhes e, entre êles, Pedro Alvares marcava primazias.

O momento era bom para dar uma lição ao arrojado.

Entregavam-se-lhe dusesentas lanças e punham-no em frente de três mil, em terrenos fiéis aos invasores. Apresentava-se-lhe o seu primogénito, como um dos grandes chefes da hoste.

Voltando com a derrota, acabaria sua preponderância no ânimo do Mestre de Avis que o acompanhava a Almada.

Nomeavam-no fronteiro do Alentejo.

Era grotesco o título com tão minguada gente que nem chegaria para a defeza dum vilar, quanto mais de ráias extensas.

Ficavam a rir, esperançados em seu de-sáire, os seus inimigos e rivais da capital, pois ressoavam os maiores nomes da cavalaria além das lanças que o temerário comandava.

Estavam, de lá, entre outros, o Mestre de Santiago e o almirante Fernão Sanches de Tovar. Com o guerreiro moço iam os lanceiros e o pendão que êle escolhera: branco e dividido em quatro campos por uma cruz vermelha, a do escudo do paladino ideal, a de Galaaz. Apresentava num dos quartos a Virgem e S. João, orando aos pés de Jesus crucificado; no outro, a Mãe de Deus, acarinhando contra o peito o seu Menino. Em baixo, rente com a haste, S. Jorge, em prece, e logo Santiago, apóstolo das Espanhas, rezando também.

Aos pés dêste improvisado altar, que palpitava ao vento, Nuno Alvares caía em êxtase

religioso. Transfigurado pelo ardor de sua fé, falava aos soldados, mostrava-lhes seus deveres de trabalho e obediência e levava-os para arraialarem na plaga alentejana.

Puseram-se rondas e ataláias e em tanto cuidado que ao amanhecer, ao som do alarme das longas alvorçadas, a hoste entrara tão presta em formatura de batalha que o inimigo mal teria tempo de se acercar, sem quebras nas suas fileiras.

Arremeteram os da cavalaria, mas voltaram rindo. Em vez de castelhanos eram belfarinheiros que avançavam com almocreves bem abastecidos.

Entre júbilos se lançaram sôbre Monte-mór; penetraram em Evora, onde a população, que detestava os castelhanos, bem o acolhera, sem todavia se armar para o seguir.

Fraca peonagem era a do fronteiro quando se dirigiu a Estremoz.

No Crato, onde Pedro Alvares recebia e mantinha os invasores, rugia-se contra êle.

Era pelo Mestre de Avis quási todo o Alentejo, mas de coisa alguma valia tal auxílio, pois os povos não se alistavam nem tinham meios para se defenderem sòsinhos.

Dia a dia apareciam mais fôrças adversas e êle, dentro dos muros da vila, só ouvia os maus vaticínios.

Quási se riam de sua audácia e atiravam-lhe os nomes dos grandes capitães, como pedradas, à sua cabeça teimosa: o Mestre de Alcântara, Pedro Alvares, Pero Gonçalves, fronteiro da Andaluzia!...

Faziam-lhe vêr a míngua de sua gente, sem apetrechos e sem armas. Os que possuíam grevas não tinham arnezes; aos que se

O CONDESTAVEL

cobriam de cota faltavam os coxotes; bacinetes usavam-nos amolgados e escasseavam os virotões.

Argumentava-se em ser mais bravo e honrado triunfar sôbre tão numerosa e celebrada hoste do que em amesquinhar inimigos.

Emquanto aos irmãos, bem sabia de seu valor, mas confiava em Deus!

Dêste modo animava os timoratos.

Corria-lhe aos pés um regatosinho e êle, increpando os medrosos, dizia para os populares que quem quisesse vir por sua causa passasse a água que ía chalrando lenta e torcidamente.

Nem um só hesitou.

Levantando os olhos para o céu, o chefe fez sua oração mas, pela noite, alguns dos seus pretenderam fugir embuçados na treva, levando por corcel o mêdo. Saltou-lhes à frente, mostrou-lhes a vergonha de faltarem à vitória, no dia seguinte.

Para evitar reflexões, ordenou a formatura e pôs-se em marcha para encontrar o inimigo à beira do Crato, onde os seus tinham governado em senhorio, estando, ali pertinho, na Flôr da Rosa, a jazida paterna.

Dealbava quando surgiu um escudeiro, de armas baixas, a querer falar ao moço guerreiro, por banda do irmão. Chamava-se Rúi Gonçalves; era amigo, dizia as coisas brandamente:

— Que Pedro Alvares o convidava a juntar-se-lhe; a soada de guerra em que ía com tão pouca gente era doidice de se arrepender. Fôsse para êles bem amerceado com os seus...

Encrespou o sobreceño e volveu: não querer os conselhos do irmão nem dos alheios.

Que se preparassem antes para combate. Seu dever era marchar; o dêles aceitarem o repto; e anunciava-lhe uma fogosa arremetida, induzindo-o a acicatar bem seu corcel para chegar a tempo com a prevenção.

Era na primeira semana de Abril e em quarta-feira de Trevas. O guerreiro jejuara, encomendara-se a Deus.

Chegava-se a um terreno vago, denominado Atoleiros. Colocara a sua hoste em posição.

Os homens das lanças e dos piques formavam um erriçado muro de ponteagudas defezas; por detrás deles a peonagem viroteava e apedrejava, e os cavaleiros, aguardando o momento da aproximação do inimigo, tinham as montadas frescas e as armas bem empunhadas. Falou à hoste, dizendo-lhe que estavam ali para servir seu amo, que orassem à Virgem e se revestissem, sob as cotas, da coragem e da fé.

Foi ajoelhar sòsinho na sombra de sua bandeira e pôs-se em reza, unguido de intenso ardor. No fim, voltou-se, como se regressasse de bem longe, e viu por terra tôda a sua gente orando com fervor, embora se ouvisse já o tropel da marcha do inimigo e os seus alardos.

Aproximavam-se em grande número, soltando seu grito de guerra:

— Castela! Santiago!

Cinco mil bôcas assim se anunciavam ao audacioso que também ergueu seu brado:

— Portugal! S. Jorge!

Apenas mil vozes o acaudilharam. Mais não tinha por si, emquanto os adversos pompeavam milhares de homens e a flôr da cavalaria. Pelejaram.

O CONDESTAVEL

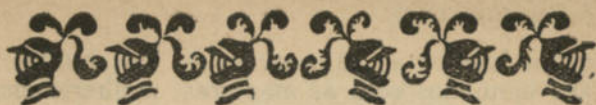
Os cavalos vinham espetar-se nos piques ; a peonagem era alvejada e morria, com os fidalgos, sob os virotões.

Já estavam feridos, inutilizados, o almirante de Tovar, o conde de Niebla, Garcia Gonçalves, o Mestre de Santiago, e Pedro Alvares, o irmão do jóven que nessa hora vencia, pois os castelhanos fugiam, à doida, para o Crato.

Sagrado pelo triunfo, o chefe vencedor descalçou-se e partiu, em voto humilde, para ir agradecer à imagem de Santa Maria de Assumar.

Percorrera duas léguas, rasgando os pés nas pedras das veredas. Portugal caminhara com êle, embora menos ulcerado, para a sua independência.





TERCEIRO QUADRO

SOLDADOS E POVO

PARECIA que os remígios das tenras asas da glória novinha tinham alçado o paladino a maiores cometimentos.

Não descansava. Lisboa padecia do cêrco castelhano. Do tôpo ribado da Senhora do Monte pretendiam descer para os postigos das muralhas e tomar, pela esquerda, a Graça.

Anunciava-se a chegada da esquadra para fechar o bloqueio.

As vitórias de Nuno Alvares, no Alentejo, empalideciam ante tam grande proeza.

Demorava a frota. Os barcos portuguezes fizeram-se de vela, a-fim-de irem ao Porto por viveres e logo o guerreiro passara do sul para o norte, a auxiliar o intento, encontrando por parceiro D. Lourenço, o ousado arcebispo de Braga, todo encantado por entrarem em luta.

Correram a bater os galegos da invasão e entretanto na capital todos trabalhavam.

Os petintais, mecânicos e artifices tinham por moços, carregadores e ajudas os monges,

cujos hábitos se salpicavam de cal; burgueses ajouçados com as madeiras; mulherio em transe de lhes passar as ferramentas, julgando todos que da sua atalaia do castelo o Mestre de Avis os mirava.

E cantava-se alegremente, num hino à nação e ao trabalho, em sátiras ao inimigo. Relembravam a morte do Andeiro, o trambolhar do arcebispo de Lisboa, tão afin dos castelhanos e que fôra baldeado das torres da Sé:

*Si quisierdes carnero
Qual dieron al Andero,
Si quisierdes cabrito
Qual dieron al Arçobispo.*

Reinavam com o Defensor a tenacidade e a fé.

Os assoladores, apertando o cêrco, iniciavam a barragem do Tejo. Chegara o grande poder naval de Castela.

Evora abrigava Nuno Alvares, a quem o Mestre de Avis mandara pedir socorro, a-fim-de assaltar os bloqueadores. Partiu célere com a sua gente, e avançou sôbre Tomar.

Passando a Coimbra fintou os ricos para abastecer a soldadesca.

Do Porto já se largara com a frota, o que lhe tornava inútil a viagem, pois seu intuito se malograva, ao vêr-se tão distante da capital.

Desceu de novo e assim chegou a Torres Novas, onde a guarnição era pelos alheios.

Reentrou no âmbito dos Templários e foi aquartelar-se em Constança, a aguardar a hoste dos inimigos, vinda do Crato, e bateu-a.

Para alguma coisa serviria sua jornada. Sòmente não conseguira ajudar à libertação que



PORQUE posto que eu hy falcesse,
seria com minha honrra e entendo que
falleceria bem pois é por vosso serviço.

(Fala de D. Nuno Alvares a El-rey
D. Fernando I—Chronica do
Condestabre de Portugal).

o Mestre lhe solicitava. Entretinha os ócios desafiando os de além-fronteira; chegou e fez prisioneiros.

Era êle o fulcro da acção, no sul, a comporta à torrente vinda do país visinho, a via, o esculca e o anteparo às audácias.

Queriam acabá-lo. Destruido o seu esfôrço, Portugal seria invadido mais largamente.

A grande mesnada que Pedro Alvares guardava no Crato ia atirar-se sôbre Evora, onde o irmão se entrincheirara. O encontro teria de ser decisivo.

Movera mais de doze mil homens bem municidados e aguerridos contra os cinco mil do moço chefe, aos quais faltavam armas e viveres. Os contrários marchavam pelos lados de Arraiólos, Evoramonte e Vimeiro, em três fartas colunas.

Nuno Alvares não se deteve. O maior general do seu exército era a fome. Ela, que gera tantas indisciplinas, alimentava a coesão do desespero.

Depararam com o mais luido aparato guerreiro junto da aldeia de Divor. Imediatamente surgira um emissário, não a desafiá-lo, mas em tom de paz, convidando o guerreiro a unir-se aos castelhanos.

Se não aceitasse tal destino, então, Pedro Sarmiento, tão seu amigo outrora, o taxava de menino e chamá-lo-ia a terreiro, para o açoitar.

Como prova do desafio enviava-lhe um montante.

Êle, olhando o seu, que um alface, em Santarém, lhe corrigira, sem querer paga, vaticinando-lhe as vitórias — até à do condado de Ourém — gargalhou, ao aceitar o repto:

Ô CONDESTAVEL

— Que saíssem, a bater-se . . . Que o tentassem . . .

Quando os procurou, tinham retirado sôbre Viana e em breve partiam para o Crato.

Falho de recursos não os perseguira, porém mostravam-lhe mêdo.

Ía grande júbilo no arraial dos castelhanos; fôra vencida a esquadra vinda do Porto e morrera nela Rúi Pereira, tio de Nuno Alvares, o que dera a estocada mortal no conde de Andeiro.

Tombara-o um virotão.

Alanceara-se a alma do sobrinho porque muito amava o morto e sentia tôda a extensão de tal derrota que entregava a capital ao arbitrio do inimigo. O cêrco dava a mão ao bloqueio.

Lisboa, cingida, era um burgo faminto onde canções e chascos passavam a ais e desolamentos.

Tratava-se de romper um dos élos da cadeia e o jóven cavaleiro lembrava-se de reconquistar Almada, a qual recaíra nas mãos do seu desafiador, Pedro Sarmiento.

Numa galgada saíu de Palmela, pela noite, tendo traçado um plano envolvente, mas perdera-se no Alfeite e desbaratara logo os observadores inimigos, levando-os, a unhas de cavalos, até Cacilhas.

Subiu ao cómor de Almada e, vendo o castelo fechado, saqueou a vila e foi para Coína distribuir rações à sua hoste.

A temeridade abatera as prosápias, e no seu arraial de Santos, às portas de Lisboa, o rei de Castela, ao saber da proeza, adivinhara o nome do comandante.

De resto, Sarmiento, dissera-lhe que só po-

deria ser Nuno Alvares, e o monarca, agastado, mostrara-lhe o seu pouco decôro de chefe, pois assim sucumbia ante o esforço do adversário.

Sem peias, o capitão volveu, ante o pasmo do amo: que se não fôra o Tejo ficar entre o português e o rei, ali estaria já, em seu arraial, fazendo seu campo de combate.

Do castelo, o Mestre de Avis via nos fachos que brilhavam além rio como que as pupilas esbraçadas da mesnada do seu amigo; sentia-a e aos lumieiros, como estrelas de bom prenúncio.

Rapidamente, receosos de algum passo mais vivo do paladino, os castelhanos fizeram um ataque simultâneo no rio, às portas de Santa Catarina, na ribeira; mas o Mestre, metendo o cavalo à água, obrigando-o a patinhar no lodo, arrastara a sua gente, batera os assaltantes que vinham à tomadia.

A fome, reinando na cidade, ocasionava gemidos mas também gritos de raiva.

Já se comiam ortigas e malvas sem sal, sabendo-lhes a manjares finos.

A peste ía alastrando, atingindo a frota inimiga e, como se fôsse uma aliada dos portugueses, obrigava-a a pedir tréguas. Que se fizessem pazes. Nomear-se-íam dois regentes até ao nascimento dum filho de D. Beatriz, o qual reinaria em Portugal.

— Que não — volvia o Defensor — êle seria o regente até à vinda ao mundo do herdeiro legítimo!

Não foi esta a resposta que Pedro Alvares enviou, por um arauto, ao irmão; mas sim a de que estava feito um tratado nos termos desejados. Volveu não o acreditar.

O CONDESTAVEL

— Êle — Pedro Alvares — «vivia há pouco com os castelhanos mas já se metera em suas castelhanarias . . .»

E retorquira-lhe em sarcasmos.

Continuava, pois, o cêrco. O sofrimento era enorme. Morria-se de peste e de fome. Não passava um bago de trigo ou de centeio para a cidade.

Um dia luziu a esperança. Flutuava no castelo de Almada a signa de Nuno Alvares e todos os olhos famintos a fitavam, aquém-rio, como a uma esperança sem igual.

E aquela bandeira em que a Virgem, o Redentor, o Apóstolo S. João, S. Jorge e Santiago palpitavam à aragem, parecia abrir-lhes o céu.

Redobrou tanto a resistênciã da capital que o rei de Castela se decidia a ir sôbre Santarém, amaldiçoando a terra onde se morria, sem a mais leve cedênciã, adentro das muralhas.

Devastadoramente a peste razziava as hostes castelhanas. Já a rainha enfermara e o marido enfuriado, apontando o punho a Lisboa:

— Que eu te veja lavrada . . .

Partira para salvar a mulher que, se morresse, poria fim aos seus direitos, mas deixara parte das hostes em linha de batalha com as galés.

Ao moço guerreiro tentara a nova aventura, mas desta vez era o desespero que o impelia para libertar Lisboa.

Atravessou em batéis, com a sua gente, das bandas de Aldegalêga e quando, no escuro da noite, passou entre os barcos adormecidos, ordenou o alardo de suas longas e trombetas.

Passara num alarido; desembarcou e com êle rompera o dia. Nunca o sol fôra tanto o claro amigo dos heróis.

Dentro em pouco apertava contra o seu arnês o do Mestre de Avis. Ambos derramavam lágrimas.

A súbitas, Nuno deu ordens. Transitava da ternura para a acção; queria lançar-se já em seguimento do rei de Castela e, muito aplaudido pelo povo, cercado pela nobreza, fôra com o seu amigo até S. Domingos, onde o Defensor lançou palavras animadoras como grãos para a germinação da fé. Quási o alçavam a rei.

O jóven vencedor só sabia dizer, entre as galas:

— Vamos ao de Castela! Vamos ao de Castela!

Tinham-se demorado. A armada inimiga desferrava. O monarca castelhano recolhera-se a Santarem e sentia à sua volta uma grande falta. Os guerreiros de maior fama abanavam tristemente a cabeça.

Aquela gente da tomadia de Lisboa desanimava-os. O Porto, em poder dos portuguezes, fazia-os reflectir.

O sul, governado por Nuno Alvares, a cortar-lhes a retirada, aterrava-os; e êle ía, como um tufão, devastando-lhes o resto do poderio.

Já tomara Portel; o irmão mais novo ficara-lhe morto em Vila Viçosa (1), mas tinha que acudir a novas lutas e, limpando as lágrimas, não afivelou o sorriso, nem mesmo para ir a

(1) Vêr nas Legendas de Portugal «A Mãe de Nuno Alvares». Legenda da Cidade de Portalegre.

Coimbra abraçar o Mestre de Avis cuja aclamação ajudara nas côrtes reünidas na cidade.

Era D. João, primeiro do nome, entre os soberanos de Portugal.

Criados os cargos da nova côrte, improvisada casa dum guerreiro, coube a Nuno Alvares o posto máximo de condestável. Bem o merecera por seus feitos, pelo grau de ardor que inspiravam suas acções.

Os castelhanos queriam corresponder com uma grande ofensiva ao acto realizado em Coimbra e, apetrechando o seu melhor exército, dispuseram-se à investida.

Os inglêses tinham vindo a favor da conquista, apenas como mercenários. Eram soldados pagos com o dinheiro português. Estavam longe de ser desinteressados auxiliares.

Os castelhanos, se não mantinham o bloqueio, vigiavam a capital.

Em Londres, os embaixadores do novo rei D. João I fechavam tratados de mútuo socorro.

Portugal daria as embarcações aos britânicos; êles mandariam lanças a combater.

Reboavam os tímbores e trombetas por todo o reino visinho, convocando militares e erariando prata e oiro.

O monarca partia para a conquista definitiva, com tôdas as suas pompas, desde os mais velozes corcéis de guerra ao seu oratório de prata onde se esculpturavam formosos anjos e as imagens resplandeciam em tanta perfeição que se prendia nelas o olhar; ostentava, também, desde os arneses tauxiados, o seu estandarte, no qual se uniam as armas de Portugal e Castela, o que gerara uma áura poética e brava em tôrno do nome de Vasco Martins, o

velho, o honrado portuguez que em Toledo recusara erguê-lo a-pesar do nobre titulo de alferes-mór de D. João I de Castela. (1)

Nuno Alvares ia aguardando a sua hora melhor. Acariciava a espada bem corregida pelo alfageme, o qual parecia ser tão profeta como o astrólogo que assistira ao seu berço, em Ser-nache.

Queria batalhar no Minho, sacudir da fronteira os inimigos; e, na sua fé religiosa, pensava em entrar na Galiza e ajoelhar na igreja de Santiago, o qual figurava em sua bandeira como o maior e mais santo cavaleiro das Espanhas.

Combateu para lá chegar. Tomou o castelo de Neiva e entregou-o ao cunhado, Pedro Afonso do Casal. Debalde o aconselhavam, Não ouvia ninguém. Mirava o seu balsão levado pelo alferes da hoste, o gigantesco Diogo Gil, e confiava em Deus. Viana do Castelo demorou-se na entrega. Darque rendeu-se e logo Caminha; depois Monsão. Já tratava de pôr a nado as jangadas para a travessia quando surgiu um emissário a chamá-lo, a-fim-de acudir a Braga rebelada, mas que podia ceder.

— Era S. Jorge que o desviava de orar a Santiago!

Galgou as distâncias e em dois dias tinha arvorado o seu pendão na cidade dos primazes. No norte recebiam D. João I com palmas e corôas de loiro.

O alcaide de Guimarães hesitava na submissão, mas os que guarneciam o forte castelo, revoltar-se-iam contra Ayres Gomes da Silva,

(1) Vêr *Legendas de Portugal—A Honra do Guarda-Mór. Legenda da Cidade da Guarda.* Obra do autor.

O CONDESTAVEL

o chefe, se lhes mandassem reforços, a ajudá-los. Aprestou-se, para o cêrco, o monarca, enquanto uns castelhanos, na Beira, levavam tudo a ferro e fogo, devastando, saqueando. No Alentejo também se faziam novas marchas. Entretanto Guimarães entregava-se por convite do Condestável, feito ao alcaide, parente de sua espôsa. Era urgente acudir ao sul. A invasão castelhana rolava como um caudal forte, arrazando os povoados hostis. Tendo por si Santarém, Leiria, Torres Novas, esperava-se dar uma batalha e vencer na Estremadura e, após o desbarato dos portugueses, correrem sôbre Lisboa e tomarem-na.

Muitos nobres senhores estavam com o inimigo, o qual sabia tudo quanto se passava. As tropas do novo rei encontravam-se tam mal apetrechadas como no passado.

Eram como que um bando faminto de aventureiros, descendo para um saque, a-fim-de matarem a fome e deitarem-se, depois, à sombra dos pinhaes, por aquêl ardente Agosto em que, nas veigas de Soure, os invasores se fartavam de regálos.

Não tinham falta do menor acepipe. Possuíam os frutos rescendentes, os vinhos magníficos, as cubas de bom azeite, pães, farinhas ensacadas, carnes frescas e, com isto, armas novas, carriagem sólida. Aos outros, a essa mesnada de pobretanas, até a água fallharia no sítio onde tinham parado e do qual um arauto viera em desafio ao meio das pompas inimigas.

Alterava a voz o enviado de Nuno Alva- res, ordenando, em nome dêste, a saída do reino aos castelhanos. Retorquia-lhe o soberano, em pasmo, acrescentando que viesse para

êle o condestável. Era a eterna peita. No regresso, o arauto contava o que vira em força e fartura e relanceara um medroso olhar sobre a hoste portuguesa.

Levando o dedo aos lábios, o guerreiro recomendou-lhe :

— Nem uma palavra do que lá enxergaste!

Quando o rei se lhe reüniu êle continuou a ser o grande teimoso da arremetida.

Devia meditar no que ouvira aos enviados.

Eram sete mil lanças, por bandas de lá; peonagem outra tanta; guerreiros como Gonçalo Nunes e outros mestres das ordens militares castelhanas; portugueses afamados como Gonçalo Vasques de Azevedo e os irmãos de Nuno, Pedro Alvares e Diogo, cada vez mais por Castela.

Mandára-se novo arauto a Leiria onde o rei estrangeiro via a sua folgada e alegre gente a comprazer-se nos gosos do bom acolho, enquanto êle, doente, sesonático, sentia o espirito turbado ante o desafio do emissário. Este repetia-lhe, em nome de el-rei, seu amo, que deixasse o reino. Volvera-lhe não reconhecer como monarca ao Mestre de Avis e, ao chegar ao arraial português, contára a D. João I tudo quanto se lhe deparára em grandeza e força.

Marchara-se para onde êles, contando, todavia, com o auxilio dos frades de Alcobaça, mas quedavam-se num campo desabrigado, ao fundo dum pinhal, num circûito de montes distantes: o Cabeço Grande, os Albardos, Azeilha, Penedos Negros e, ao longe, a rebentação do mar. Defrontavam um vale enorme, lambido pelo rio Côa e cheio de povoados brancos, pequeninos, foreiros aos freis: Chiqueda, Pi-

zões, Juncal, Cós, Alpedriz, no âmbito de Aljubarrota onde se acampára.

Naquela ardentíssima quadra os castelhanos calcavam as glebas de restolho sêco, querendo passar para Santarém. Numa pequena riba, Nuno Alvares, colocando a sua gente, fincava-a para a batalha.

No poente do arraial mesquinho formava-se um núcleo de jóvens a que se chamou a *Ala dos Namorados*. Erguiam todos êles suas bandeirinhas com divisas nobres e riam, chasqueavam, fazendo votos por seus amores. Na ala direita estavam outros não menos joviais e valorosos cavaleiros. Aos Mem Rodrigues de Vasconcelos, a Alvaro Ennes, a Rui Mendes, correspondiam os vizinhos como Antão Vasques, sempre em alegria, e João de Montferrat que já vira muitas batalhas além das fronteiras.

Alinhavam assim, aguentando os bésteiros e os homens de lança. Era um verdadeiro arraial de signas esvoaçantes. Do lado dos *Namorados* os guiões, com os motos; no oposto o pendão de S. Jorge e outras signas evocativas. Na retaguarda quedára-se D. João I e por detrás de seu real estandarte pararam a carriagem, o gado e as reses, além dos pagens com outra gente estranha à ação, auxiliares, carreiros, tratadores de animais de tiro.

O monarca envergava sôbre a cota uma veste de palmas de côr verde, a de Avis, e cobria-se com um bacinete pezado; (!) ladeavam-no alguns cavaleiros e entre êles D. Lourenço, o prelado bracarense, de cruz alçada

(!) Guardou-se, com a espada, no Tesouro de Alcobaça.

e de roquete, arvorando no elmo uma imagem-sinha da Mãe de Deus.

Nuno Alvares erguera sua bandeira atrás das alas juvenis. Vestido de brial verde, com rosas ensilveiradas, parecia querer significar, com os ornatos que ocultavam a armadura, esperanças de vêr, através dos espinhos, as rosas da vitória, desabrochadas com o sangue

Apoiava-se no montante bem afiado que o alfageme lhe entregara, sem paga. De joelhos se prendia na sua reza, fazendo votos às imagens de seu balsão.

—A' Virgem Maria, Santa Mãe de Deus, destinava um templo em Seiça, junto de Ourém.

Os castelhanos avançavam sôbre o resto-lho, em grande formação, em extensa linha transbordante nas orlas da passagem e eram tantos que mal parecia olharem-nos, em comparação, os portuguezes, em cujos rostos se lia o terror ante tão poderoso inimigo.

—Daria uma igreja à Virgem...

Emudecera na *Ala dos Namorados* o júbilo das promessas, para logo voltar em mais jovial reboada sôbre o calor da manhã e o desdém pela vida.

O condestável continuava em sua prece:

—A S. Jorge, seu patrono, ofertaria, com seus votos, uma ermidinha, naquêle mesmo sítio onde se dorião seus joelhos de peccador...

Seguiam-se as oferendas de D. João I.

Uma delas era que, se a vitória o bafegasse, iria a pé em romagem até à capela de Nossa Senhora da Oliveira (¹), a qual vira

(¹) Vêr Legendas de Portugal—*Nossa Senhora da Oliveira*. Legenda da Cidade de Penafiel. Obra do autor.

O CONDESTAVEL

tão adorada em Guimarães. Com as obras de edificação de sua morada el-rei doava-lhe, também o seu próprio pezo, em prata.

Nuno Alvares caíra no êxtase. O rei continuava nas suas preces :

O mais suntuoso templo, em Portugal, seria o que edificasse, ali perto, em preito à Mãe de Deus, se vencesse (!).

Acordara de sua oração o condestável ; erguera-se e, olhando o grande exército castelhano, que vinha a distância, sentia-se abraçado em dupla sêde : a que escaldava sua garganta e a de pelejar.



(1) Foi o célebre mosteiro da Batalha.



QUARTO QUADRO

VITÓRIAS E PRECES

NA tarde daquêle dia, 14 de Agosto, da invocação de Nossa Senhora, ganharam os portuguezes a batalha de Aljubarrota (1). Fôra rápida mas não fácil a vitória. Reinava uma alegria louca no campo quando o rei de Castela, doente, largara, de acicates fitos nos ilhaes do seu cavallo, a caminho de Santarem. Rodeava-o uma escolta de cem lanças e, mesmo no meio dela, passara como um furacão, Vasco Martins, o moço, cavaleiro portuguez, que jurara pôr suas mãos no hombro do foragido soberano e pagara com a vida a temeridade, tendo cumprido a jura e o feito (2).

Os despojos da batalha eram magníficos. O oratório de prata em que D. João I de Castela fazia suas preces, estava em poder dos

(1) Vêr, nas Legendas de Portugal, a descrição da batalha nas *Auras de Aljubarrota*. Legenda da Cidade de Leiria. Obra do autor.

(2) Idem.

O CONDESTAVEL

vencedores com riquezas maiores e, de todas a mais opulenta, era o próprio estandarte real que Antão Vasques trouxera, em bailado, ao seu monarca, dizendo-lhe, ao lançar a seus pés o trofeu:

— «Tomae, senhor, essa bandeira do maior inimigo que no mundo tinheis!» (1)

Estavam, pois, alegres no arraial, excepto Nuno Alvares que perdera no combate os dois poderosos irmãos. Pedro Alvares, acabara pelejando; Diogo Alvares, aprisionado, e conduzido à presença do rei, ouvira de sua bôca as queixas:

— Que fôra seu mau amigo. Maior seria para êle em amisade!

Mas não pudera valer-lhe, embora o deixasse entregue ao seu captor, Egas Coelho, fidalgo da Beira. Uma onda de peões, rubra de cólera, afastara o cavaleiro e abatera o Alvares, à lançada.

O condeatável, em aspecto desolado, partira logo para Ourém, seu apanágio, como lho prognosticára o alfageme. Ia orar à Virgem, diziam uns; dar sepultura ao irmão, afiançavam outros.

O vencedor prostrava-se. D. João I, laureado pela glória, sentindo o senhorio do reino, correra sôbre Santarem para deter o monarca castelhano. Já não o topou. Metera-se na galé e largara para a esquadra. Em Sevilha, os inimigos, insultavam-lhe a espôsa; e êle, em prantos amargos, considerara-se o mais infeliz rei da terra, não por ter sido derrotado, mas pela pouca e má gente que o vencera. Não escutava as palavras consoladoras.

(1) Fernão Lopes — *Chronica de El-Rei D. João I.*

Só sabia lamentar-se: Que era o monarca mais desventurado do mundo!

Chegara-se ao delírio. O soberano português doava as suas graças aos partidistas. Distribuiu o reino, parte do qual ainda era preciso conquistar e o maior quinhão deu-o ao seu condestável, amerceado de vez conde de Ourém.

Juntavam-se-lhe os títulos e réditos, vilas e aldeias, alcaidarias e reguengos: Vila Viçosa, Borba, Estremoz, Evoramonte, Portel, Montemor-o-Novo, Almada, Sacavem, Porto de Mós, Rabaçal, Bouças, Alvaiázere, terras de Pena e Basto, com Arco de Baulhe e Barroso, além de Silves e Loulé.

Era um meeiro da corôa.

Abraçaram-se ambos. Choravam de novo e enquanto o soberano ia cumprir seus votos, o condestável exclamava, após o pagamento do que fizera:

— Vamos ao resto dos castelhanos!

Formavam além fronteira grandes arraiais. Tentavam nova invasão e, contando com alguns dos alcaides portugueses, que tinham ficado por eles, não perdiam totalmente a esperança.

Martim Anes de Barbuda, um dos tredos, ocupava o posto de mestre de Alcântara. Era quem fazia frente às hostes do condestável, já entradas em Castela.

Chegava a sua hora. Os pés dos seus bésteiros, os cascos dos seus cavalos pisavam a terra inimiga e tanto ardia em fé a alma do guerreiro que pensava em ir de romaria à Senhora de Guadalupe, no país estrangeiro.

Mandavam desafiá-lo para combates singulares os senhores de Castela, os grandes, os

O CONDESTAVEL

poderosos D. Pedro Muñoz, D. João Afonso de Guzman, D. Gonçalo Nunes de Guzman, mestre de Santiago, conde de Niebla e mestre de Calatrava.

Cada um enviava-lhe uma varinha, em sinal de repto, como se fôsem suas espadas de duelo. Formavam já um feixe, tantos eram os desafiadores. Queriam vêr-lhe o sangue. Desciam os vassallos atrás dos amos, em alegrias tontas, como para o regabofe duma grande caçada.

O arauto esperava a resposta. Pagou-lhe régicamente; sorriu, em júbilos, como há muito não mostrava e ia dizendo para os seus cavalleiros guardar a certeza de não haver mêdos entre tão grandes senhores, pois o queriam em batalha. E, num dos seus sarcasmos para o enviado, acrescentava aceitar os combates e ficar muito agradado das varinhas, com as quaes em breve iria fustigar os que lhas remetiam.

Soubera que muitissima gente se juntava para o bater. Contorceu a marcha, embora em terra alheia; endireitou para os lados de Valverde. Devia lembrar-lhe o campo de Lisboa, assim chamado ⁽¹⁾ e que tanto se defendera dos castelhanos. Tinha comsigo mil lanças e outra tanta peonagem, além dalguns bésteiros. Estava ainda a onze léguas de Portugal. Os seus capitães eram Gonçalo de Castelo de Vide e Martim Afonso de Melo, com Alvaro Gonçalves Camelo, Prior do Hospital que comandava a retaguarda da hoste. Recuaram de Vila Garcia para a distância de légua e meia da orlá do Guadiana. Mais de quinze mil ini-

(1) Depois o Rossio.

migos entre soldadesca e peões, recrutados entre os lavradores, faziam frente aos portugueses. Estes marchavam na já classica maneira com que formavam rapidamente o quadrado na paragem súbita para receber os choques, sempre bravos, das primeiras investidas.

Foi na margem do rio que o chefe desenvolveu a sua estratégia. Os castelhanos entrincheiraram-se num outeiro e tornou-se empreza arrojada ir desalojá-los. A-pesar-de tanta dificuldade galgou-se o cêrro e deu-se a debandada, depois de terem feito perder bastante gente ao audacioso assaltante. Apareceram muito mais combatentes cujo campo de acção continuou a ser um monte para o qual se atiraram os portugueses. A cavalaria inimiga, composta pela nobreza, aproveitava o momento para investir a vanguarda que o condestável deixara a descoberto na sua fúria de ataque bravo. Valeu-lhe Gil Fernandes, o de Elvas, (1) o herói eternamente indignado que acossou os valerosos cavaleiros, salvando o núcleo da defeza, ao tempo em que Nuno Alvares ganhava a peleja contra os infantes. A novo impulso dos ginetes êle acudiu, a interpôr-se diante dos corcéis, com o resto da mesnada. Descêra, porém, uma verdadeira nuvem de gente a envolvê-lo e nalguns pontos já o desânimo alastrava como uma ferrugem. O condestável desaparecera entre o fragor da peleja e quando, quási baldadamente, os capitães procuravam conter a soldadesca, viram-no, entre duas altas pedras, de joelhos, orando a Deus. Chamaram-no. Fez um gesto, a de-

(1) *Legendas de Portugal. O cavaleiro Gil Fernandes. Lenda da Cidade de Elvas. Obra do autor.*

O CONDESTAVEL

tê-los, e continuou orando. A distância, o seu pagem, segurava o branco corcel de guerra.

Num momento voltou. Entrando no embate, em rija fúria, couraçado pela sua fé, tendo como elmo a crença, o moço guerreiro ganhara, pelo cair da tarde, em terra inimiga, a batalha de Valverde.

Gil Fernandes acusava-o, em grande grita, de ter conduzido mal a luta. Mostrava-o, enlouquecido, a batalhar, deixando o flanco aberto ao inimigo.

Era um herói que não podia conter nem a espada nem a lingua. O condestável, mal o atendeu. Batera os castelhanos de maior nomeada, com a ajuda de Deus e da Virgem, à sombra de sua santa bandeira. Agora só queria pacificar o resto do reino porque ainda restava muito que fazer, sobretudo no norte.

Alguns alcaides guardavam castelos por voz castelhana e êles constituíam fulcros de insurreição; eram como chagas abertas no país que desejava sanear.

Mal refeito ainda, das jornadas e pugnas do sul, avançou para o norte onde se encontrava D. João I a pôr cêrco a Chaves e Vilarica. Bragança arvorava, também, o pendão castelhano.

Prendera-se em encantos celestiaes a alma do condestável. Era um guerreiro mas, à semelhança dos paladinos que se orgulhava seguir, só no céu tinha esperança.

A vaidade não tinha guarida em sua alma. Só a Deus agradecia as vitórias.

As quatro torres do castelo de Bragança arvoravam o pendão de Castela quando D. Nuno Alvares Pereira mandou chamar João Afonso Pimentel, cunhado de D. Leonor Teles

e alcaide-mór da fortaleza. Diogo Ayrão, alferes de bandeira da hoste portuguesa, partira em tom de paz, com o pagem Vasco Machado, a pedir ao governador para descer até ao campo onde arraialara a hoste do famoso batalhador, o condestável de Portugal.

Emquanto aguardava a resposta via de ânimo turvo o campo da sua mesnada. Eram passados dez meses que a batalha de Aljubarrota consagrara os seus vinte e seis anos.

Enchera-se de tristeza e tanta que, ao vêr aproximar-se seu tio Martim Gonçalves de Carvalhal, não ocultou seu pesar, mostrando-lhe, num gesto desolado, toda a extensão do arraial onde êle comandava.

Era num campo vasto, ensoalhado. Na sombra dos enormes castanheiros e carvalheiras a soldadesca, escudeiriços e fidalgos, desvestidos das armas, ou jogavam os dados ou bebiam grandes pichéis de vinho à spero e, num clamor mais de saturnal que de ordenança militar, mulheres da peor casta, concubinas, comborças, suas amantes, disputavam-se ou riam, bêbedas, tontas de licôr e de luxúria. Por vezes pegava-se em espadas; vultos desafiantes erguiam-se, frente a frente, por causa de qualquer rixa no jogo e uma algaraviada de injúrias, mesclada de ebrifestivas expansões, reinava no acampamento.

O velho chefe desculpou-se diante do sobrinho, tão novo e já de fama a encher as terras de Portugal e Espanha; julgou-o turbado pela resistência do castelo e ficou surpreso ao ouvir-lhe as queixas:

— Não queria mais mancebas nem dados, na sua hoste. Tratava-se da limpeza do seu séquito, de tirar aos soldados os vícios que

O CONDESTAVEL

lhes roubavam as freimas de bem batalhar. Já responder, num riso, por entre as barbaças caídas no peito do brial, quando soaram as charamelas, anunciando a volta do alferes e do pagem em cujos bacinetes ondeavam plumas. Apearam; o de Ayrão deu o recado a seu senhor:

— João Afonso Pimentel queria o seu encontro; avançasse até à beira do castelo que êle o acolheria.

Martim Gonçalves tocou-lhe no braçal de ferro, avisado e manso de voz, mas ascuando os olhos maliciosos:

— Eu serei comvosco... Não vades perder-vos...

— Que iria só, sem montante, levando pluma no elmo, em sinal de paz, porque não queria dar ao alcáide a idéa de temor, pois êle não morava em seu ânimo.

Amaldiçoou a signa castelhana, vagamente trémula na doçura da briza, e muito desejou em seu lugar o novo estandarte português, no qual, sôbre o esmalte verde da cruz de Avis, ponteadada na orla vermelha por nove castelos, branquejava o quadrado onde o emblema formado por quinas azúis, em besantes de prata, parecia contar tôda a história do reino, desde os cruzados madeiros de D. Henrique, até às fortalezas da conquista feita por seus descendentes, na evocação das cinco chagas de Cristo e agora nos floreados escudos do novo rei.

João Afonso Pimentel já o apertava nos braços. Correria para êle, em amizade; cingira-o, entrava a perguntar-lhe a que vinha, muito palreiro, grande disfarçador, na larga sombra das suas torres quadradas em que luziam as

armaduras e as béstas. Oferecia-lhe pousio em sua casa, um refresco, uma colação, pois estava bem provido, — dizia-lhe, como a indicar-lhe não reçar o cêrco,

Pedira-lhe, o condestável, a entrega da praça; mostrava-lhe el-rei em Chaves e mais hostes na Vilariça, prestes a vencer; indicara-lhe o caminho a trilhar e chamava em seu socorro o que já constitüia a curta história do reinado.

Quási tôda a terra portuguesa em preito, o sul rendido, as mais valiosas cidades em menagem e ainda pouco antes Guimarães e Braga tinham preitejado. Para que resistia êle ainda, se as fronteiras do Alentejo cediam?

O Pimentel falava-lhe de seu parentesco com Leonor Teles, expulsa de Portugal; de sua honra em defender o castelo da sobrinha D. Beatriz, verdadeira soberana alçada e não considerava o Mestre por senhor.

O condestável, sem esquecer que tal parentela vinha por bastardia do casamento do governador com D. Joana, ilegítima irmã da rainha, entrava em novos convencimentos a-fim-de o vencer.

— Acréscimos lhe dava o rei que servia, mas não era por êles, e sim pela lealdade, o passo decidido. Mais valera pão de centeio em boa consciência, do que trutas e folares de rasão empeçonhada.

Era nestes momentos que paravam muito manos, em mais apagados gestos, como se estivessem entendidos; porém, ao cabo de grande labutação, um movimento mais rápido do condestavel fez parar a conversa.

— Meditai ainda, João Afonso; ou el-rei virá a pôr-vos cêrco e não podereis oferecer

aos que chegam o mel e a borôa, o vinho e o centeio que não tereis para os vossos . . .

Apontava ao longe os moinhos, os alveiros, fóra do âmbito da fortaleza, os campos onde verdejava, como uma relva, o rebento dos centeais, os soutos onde o fruto enchia, as hastes das vinhas em que cresceriam o sousão e o arinto, os bagos ricos para a próxima colheita que prometia talar.

Despediram-se, sem abraços. Tornou o condestável a seu campo e, num ardor de alma, decidiu expulsar as mulheres do arraial. Ordenando que acabasse o jogo dos dados, querendo limitar os meios, mandara também que fôsem açoitadas as concubinas, comborças, mulherio, como se atribuisse à sua presença a firmeza do alcaide, a negativa de se lhe entregar ante aquela saturnal seguida, da gente, com amásias impuras.

Achegou-se-lhe o pagem a anunciar-lhe que um velho braganção queria fazer súplica. Vinha dos alveiros para lhe pedir qualquer graça; e êle, volvido para a humildade, ordenou a chegada do moleiro. Torcia a gorra nas mãos, em pranto, contava as suas máguas:

— Um cavaleiro que sabia, pelo grande rûido de seu nome, ser o senhor Antão Vasques de Almada, mandara despejar todo o vinho de suas cubas, os da hoste beberam-no e ainda rolavam no monte pelo qual escorrera o licôr. Numa braveza de ímpios, tinham-no roubado . . .

Ascuaram os olhos do guerreiro e, fitando o velho, disse-lhe, tempestuoso e irado:

— Êle vo-lo pagará, bom homem. — Vosso bem não é roubo, é de vosso labor; êle vo-lo pagará . . .

O desditoso curvou-se para agradecer; o condestável ia dar-lhe ordem de partida quando rebentou um grande berreiro das bandas do arraial e um turbilhão convulso, vestido de ferro, se moveu ao sol da tarde, redobrando de grita.

D. Nuno encarou aquella turba armada que se lhe aproximava, em fúria. A seu lado Martim Gonçalves, Gonçalo Anes de Abreu, Lopo Gonçalves, João da Ramada e outros cavaleiros, escudeiriços e pagens afrontavam uma parte da hoste rebelada contra a ordem de expulsão das prostitutas.

Em gestos e modos provocantes, batucando com as lanças, soltando imprecacões e pragas, em rubras cóleras se alvoroçavam, indignados, contra o chefe, e o seu vozear atrevido e doido devia chegar às muralhas do castelo onde os homens de armas espionavam tamanha revolta e o alcáide se dava graças por não aceder ao pedido de rendição.

Finalmente o assaltante não tinha soldados mas um bando que qualquer terço mais bem provido de disciplina arredaria com duas cargas. Jámais se vira uma mesnada em fúria de tal guisa contra o comandante. Decerto nunca lhe obedeceriam; não desejavam servi-lo. Talvez que no ânimo do Pimentel comessem a dealbar desejos de batalha emquanto a hoste rugia desesperada.

Um escudeiriço mais violento gritou que do mesmo modo andavam os guerreiros, com suas mulheres, nas hostes reais e que se sua mercê os guardava assim era porque lhe ajudavam a prear o reino. Ali seria do mesmo modo, ou se desnaturavam da mesnada e iam a outro amo.

Encarava-os serenamente; dava-lhes réplicas que só tornavam mais viva e riça a barreira e ouviam-se já vozes de mór decisão quando o condestável lhes disse:

— Além está o castelo que não se rende; aqui vós não vos rendeis a minhas razões, mais longe está a igreja da Virgem de Asinhoso onde eu irei render graças para que a nós venha o alcáide de Bragança... É vós não quereis vêr em razoado pensar que mal vos fica semelhante companhia?

— Vamo-nos! Vamo-nos... Na hoste do senhor rei cabe-nos o lugar...

Alguns mais arrebatados já iam tomar as armas quando Antão Vasques de Almada rompeu por entre a turba, os olhos injectados, a bôca amarga, os modos entre receosos e risinhos; mas, ao ouvir o brado contra o chefe, ía levar a mão à espada, quando êle lhe ordenou:

— Apaziguai-vos, Antão... Vossa culpa não vos permite defender quem vo-lo não pede... Ide pagar de vossa escarcela o vinho roubado ao pobre dos alveiros... Eu vos condeno, Antão, não vos atrigueis...

Curvou submissamente a fronte e foi-se a seu pagamento.

Os outros pasmavam da subordinação do fidalgo quando tam dispostos estavam para o ajudar na rebeldia.

Nuno Alvares encomendara-se à Senhora do Asinhoso, que ali perto tinha o sacrário e contou a D. João I como tratara a hoste, mostrando-lhe vir o mau exemplo da que êle comandava e tanto que muitos dos seus homens queriam fugir-lhe, pois no régio campo encontravam os gosos proibidos em seu arraial.

Logo o soberano imitou o guerreiro que tam grandes combates ganhava e ao génio das batalhas reünia sua crença fervorosa em Deus.

Aquietaram-se dêste modo os ânimos rebeldes. Começou a reinar uma grande compostura e ordenança entre êles, a qual bem os devia ajudar nas lutas. O alcaide de Bragança, um momento persuadido de que alastraria a desordem no acampamento do condestável, ao sentir que a paz reinava e todos se congregavam à volta do famoso capitão, prestara sua menagem.

Bragança tinha arvorado o pendão do rei de Portugal.

Desde logo pensaram em ir conquistar os lugares das Beiras onde ainda resistiam.

Partiram e venceram. Os inglêses chegavam com seus reforços e aliança. D. João I ía casar. Seria sua noiva D. Filipa, a filha do poderoso duque de Alencastro. Tudo caminhava bem. Portugal, renascido, engrandecia-se, mas, a-pesar-de tanta glória, de tanta riqueza, de tam bem ter cumprido o seu dever, com a ajuda de Deus, o condestável entristecera, melancolisara-se, andava de ânimo turbado entre os júbilos, as festas e os risos. Lembra-va um vencido, quando o seu triunfo era o mais excelso.

Batalhou-se ainda muito e demoradamente. A côrte de D. João I teve a compostura imposta pela rainha, que, a-pesar-de filha dum devasso, possuía virtudes sem igual. Cimentara-se a aliança inglêsa. Já se fizera a invasão no território castelhano, até que o rei, roído de terçãs, foi levado, quási moribundo, para Coimbra. Entretanto, negociara-se o con-

O CONDESTAVEL

sórcio da outra filha do duque inglês com o monarca inimigo.

D. Filipa desolava-se ante o leito do marido e D. Nuno Alvares Pereira, senhor de quasi metade do reino, dia a dia mais melancólico, perturbava-se à idéa da morte do seu real amigo que tanto custara a alçar ao trôno.

Por êste tempo faleceu a espôsa do condestável e êle, sòsinho com a filha, D. Branca, mandava-a entregar aos cuidados da avó, Iria Gonçalves de Carvalhal.

O monarca melhorava, pouco a pouco. Anunciavam-se dias de mais alegria e quando foi o trintário da viuvagem do condestável, êle correu para o Alentejo, a deter o resto das audácias dos visinhos.

Logo que o rei se restabeleceu partiu para o norte, a combater também, e preanunciavam-se as pazes. Passados onze meses o soberano de Castela finara-se. Caira dum cavalo e ficara no solo empapado em lama e sangue. Sucedia-lhe o filho, uma criança de onze anos. Henrique III começara por firmar um acôrdo de tréguas, por tantos anos quantos os da sua idade.

Já não se ouviam os rumores das hostes, na península. D. Nuno, continuando em suas tristezas, sonhava iniciar a fábrica do grande mosteiro, que fazia parte de suas promessas, e cujos alicerces se fundariam nas ribas do campo de Valverde, defrontando os cômoros da Graça e da Senhora do Monte, o Castelo, a Alcáçova e dominando o Tejo, onde as galés castelhanas tinham outróra fundeado quando êle talhava a resistêcia.

A pouca distância ficavam as portas, as

muralhas, as defezas e o condestável confessava que só assistindo ao levantamento das paredes, rosearia de alegrias o seu rosto.

Apareciam leis novas. O guerreiro encarrancava ante o legislador, aquêlê João das Regras, que outrora tanto o contrariava nos conselhos, e começara a distribuir pelos seus soldados mais valorosos parte dos bens doados pelo rei. Despojava-se, para os enriquecer. A corôa que, por tais decretos, pretendia usufruir os réditos e as posses, via passar às mãos dos batalhadores grande parte das terras conquistadas.

Levantavam-se contra o condestável as vozes dos legistas e de tal maneira se impunham que fôram chamados os nobres e os donatários, a-fim-de fazerem um acôrdo de entrega dos bens. D. Nuno negou-se a aceitar a decisão. Dividira com quem quizera o que lhe tinham dado pelo valor de seu braço. Os políticos vinham turbar a vida nobre do militar e êle, tomando o caminho das terras do Alentejo, ordenou o alardo à sua hoste. Declarou-lhe que ía sair de Portugal, não para serviço de Castela, mas a-fim-de procurar noutro país o pão, visto o quererem desfalcicar e aos seus cavaleiros, peões e escudeiriços. Juravam todos acompanhá-lo e D. João I, aterrado, mandava-lhe falar por Martim Gonçalves e Lopo Goncalves, a-fim-de o convencerem à renúncia de seu intento, tanto mais que os inimigos, ante a desordem e a attitude do famoso guerreiro, se preparavam para quebrar as pazes. Começou, de novo, a luta. O condestável combateu por Portugal. Dos despojos fazia divisão com os pobres e, findo o seu batalhar, reduzidas as freimas castelha-

O CONDESTAVEL

nas, começou a erguer o seu sonho de pedra, a transformá-lo no verdadeiro convento de seus devaneios. Morrera-lhe a filha casada com o conde de Barcelos, D. Afonso, bastardo dos amores do Mestre de Avis, com Inês Pires, depois comendadeira de Santos, e nascida de Pero Esteves, o denominado Barbadão.

Falecera de parto a formosa senhora D. Beatriz Alvim. O condestável, sofrendo a dôr imensa de pai, voltou-se para a sua obra de fé com mais intenso amor. Fabricava um templo e um sepulcro. Dedicava um à Virgem Maria; o outro ás suas ambições. A Mãe de Deus teria os seus altares; o batalhador o seu repouso. Entregou-o aos carmelitas, com os quais se ligara na pequena residência que elles possuíam em Moura. Doava-lhes quasi uma cathedral. Já agora, o opulento guerreiro, atirava para Deus e para os humildes a fortuna que os das leis se tinham audaciado a disputar-lhe. Ainda tomara parte na expedição de Ceuta, o primeiro élo das conquistas em terras distantes e voltara mais merencório.

Enriquecera pingüemente, o conde de Barcelos; mas também aos pobres doara. Agora, depois dos seus soldados, repartia com os frades. Quasi não queria coisa alguma. Os carmelitas iam, pouco a pouco, possuindo com que sustentar sua morada. Em breve elle próprio se doaria a essa comunidade santa. Juntava-se muito com os frades; lidava como elles, fazendo vida de noviço, ao tempo em que edificava o mosteiro. E, no dia seguinte ao trigésimo oitavo aniversário de Aljubarrota, a 15 de Agosto de 1423, dia da Virgem, o que fôra o poderoso condestável D. Nuno Alvares Pereira, senhor de vilas, aldeias, re-

guengos, dizimos, coberto de glória, não era mais do que um monge carmelita, Frei Nuno de Santa Maira, revestido da almáfega monacal, a samarra de estamemha que amortalhava a seu corpo franzino.

Não possuía nada, além do burel, de alguma roupa e suas armas, mas era riquíssimo de fé e de crença em Deus e na Virgem.

Nunca se vira semelhante exemplo.

O povo, que adorava o seu libertador, de santo já o tratava e bem em santidade viveria quem tam grande fôra no mundo.

Fizera sessenta e três anos. Lidara desde os três no serviço da Pátria e de Deus. Resava, prosternava-se, encomendando ao Altíssimo a sua alma, sentindo-se longe da terra, como um dos paladinos dos seus sonhos, após o dever cumprido.

Preparava-se uma nova tentativa contra Ceuta.

D. João I mandou, respeitosa, saber do conselho do guerreiro sem igual na península e êle volveu logo, acendendo nas pupilas a luz da sua outra fé: a da Pátria. Que se batalhasse, e êle lá iria também, apesar-de velho, erguendo na mão direita o seu montante, guardando na esquerda o seu rosário.

Morreria tam satisfeito, junto das pedras da fortaleza, como sob as arcarias de seu convento, batendo-se por Deus e pela Nação, contra os infiéis e pela glória de Portugal.

Praticava acções bondosas. Instituiu grandes lances caridosos: lavar os pés aos pobres das cadeias e criar misericórdias para os famintos e desventurados.

O CONDESTAVEL

—E santo! É santo!— dizia o povo.

Ele vibrava, porém, entre a sua dupla religião.

Quando o embaixador castelhano, que viera pelo final acôrdo das pazes, o quiz visitar na sua cela, D. Nuno hesitou em recebê-lo. Sentiu, porém, em seu espírito a doçura para não o repelir e, ao defrontá-lo, manteve sua grande humildade de pobre monge.

Luziam os olhos do diplomático, contente, talvez, de vêr o inimigo maior de seu reino como que já amortalhado, à beira do sepulcro, e tanto achava ser túnica de defunto o hábito do carmelita, que perguntou ao ilustre, ao glorioso frei:

—E nunca mais deixareis essa mortalha?

Foi pronta a resposta:

—Desvesti-la?! Só se o vosso rei fizer guerra a Portugal!

E logo, num rompante, acordando em toda a sua ira antiga, ao encontrar as fôrças, a energia, no frémite da sua religião patriótica, concluiu:

—Emquanto não estiver no túmulo servirei do mesmo modo a minha fé e o meu Portugal. . .

Velho o julgavam quando da segunda expedição à Africa e êle, para mostrar o vigor do seu braço, despediu a lança com tal fôrça que ela, ao espetar-se numa porta de Valverde, ali ficou vibrando durante largo tempo. O monge acentuara:

—Assim a meterei em Africa!

E chegou a descer, de hábito esfarrapado, junto com os infantes que o amavam, para arranjar seu lugar no galeão almirante.

Era uma sombra heróica. Já sempre tratando de sua alma; ás devoções se comprazia e nunca tam grande guerreiro chegara a mais suaves êxtases nem se movera em mais grosseiras tarefas.

— É santo! — dizia o povo.

Sonhava, ainda, com os seus paladinos, mas via-os entre arcanjos. Preparava-se para morrer, e aos setenta e um anos de sua idade, quando em véspera de finados, dia de Todos-os-Santos, os sinos badalejavam alegrias, o monge já acabar.

Soluçavam os campanários pelos defuntos, em igualha na morte. Êle quizera ser como os de maior humildade. Em tal hora se extinguiu, despido de todas as pompas, desejando a mais mesquinha mortalha. Á sua beira soluçava o rei, velho também, e que êle alçara; pranteavam-no os infantes e a côrte. Chorava o monarca.

Os lábios do frade, que tanto pelejara para aclamar um soberano, o qual de suas mãos recebera a corôa, eram os únicos que sorriam naquêles transes agónicos. É que o moribundo via Deus.

— É santo! É santo! — dizia o povo.

E tanto o sentia que, em breve, junto de sua sepultura, se procuravam lenitivos, entoando cânticos à memória do condestável, nos quais uniam as suas duas religiões:

*Santo Condestabre,
Bom Portuguez,
Conde de Arrayolos,
Barcellos e Ourem.
Santo Condestabre,
Bom Portuguez.*

O CONDESTAVEL

—É santo! É santo! . . .—capitulava a multidão; e as canções continuavam:

*Pelo Prol da Patria
Tudo isto fez!*

—É santo! É santo!—clamava o povo, em delírio e em fé.

E nunca a voz do povo se igualou mais à voz de Deus do que ao santificar o condestável de Portugal.



